

**PERSPECTIVAS TEÓRICAS NA CRÍTICA LITERÁRIA
DE MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA**

Cleonice da Costa Godinho (UEMS)

cleocostagodinho@gmail.com

Daniel Abrão (UEMS)

danielabrao@uems.br

RESUMO

Pretende – se apresentar a descrição das obras da escritora Maria da Glória Sá Rosa, como também quais autores e bases teóricas a autora abordou em seus textos e em suas organizações de livros, assim como investigar quais as abordagens da autora sobre a literatura sul-mato-grossense. A pesquisa será abordada, primordialmente, de forma descritiva por meio de fontes bibliográficas primárias. Dessa forma, sabendo que a população sul-mato-grossense é formada por grande parte de migrantes brasileiros e estrangeiros que encontraram no cenário pantaneiro, seu lugar de pertencimento e construíram sua história e identidade, o papel da Literatura é essencial para essa composição. A escritora Maria da Glória teve grande relevância nesse processo de compreensão das representações do estado de Mato Grosso do Sul, pois entre suas obras constam memórias e relatos de fundadores do estado.

Palavras-chave:

Maria da Glória. Crítica e teoria literária. Literaturasul-mato-grossense.

ABSTRACT

The intention is to present the description of Maria da Glória Sá Rosa's works, as well as which authors and theoretical bases the author addressed in her texts and in her book organizations, as well as to investigate what the author's approaches to South Mato Grosso literature. The research will be addressed primarily in a descriptive way through primary bibliographic sources. Thus, knowing that South Mato Grosso population is formed by a large part of Brazilian and foreign migrants who found their place of belonging in the Pantanal scenario and built their history and identity, the role of literature is essential for this composition. The writer Maria da Glória had great relevance in this process of understanding the representations of the state of South Mato Grosso, as her works include memoirs and accounts of the state's founders.

Keywords:

Maria da Glória. Literary criticism and theories. South Mato Grosso literature.

1. Introdução

Para entender e conhecer a cultura do estado de Mato Grosso do Sul iniciaremos dizendo que o povo desse lugar, que antes era Mato Grosso, já produzia literatura, já tinha história e memória. A divisão do

então estado de Mato Grosso, que ocorreu no ano de 1977, em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul criando uma instabilidade identitária na geração dos mais velhos que sentiram – se perdidos do seu chão. E essa ‘sensação’ é sentida até hoje, mais de quarenta anos da divisão, sentimos a necessidade de corrigir o nome do estado quando nos identificamos como Mato Grosso, é “do Sul”!

Sobre a Literatura sul-mato-grossense, os primeiros registros aconteceram em revistas e jornais de municípios mais antigos, que garantiram espaço para a cultura local. Jornais fundados em 1915 em Três Lagoas, em Campo Grande jornais como O Progressista, O Matogrossense e a Revista Folha da Serra, sendo esta revista a melhor fonte de registros literários de alguns dos colaboradores, dentre eles se destacam Severino de Queiros, Oliva Enciso, Clodomiro Bastos, Ana Luisa Prado Batos, Lenira e Peri Alves Campos.

Como não podia ser diferente da realidade do país, Mato Grosso do Sul é um estado que se formou com a participação de vários imigrantes árabes, japoneses, italianos, portugueses, dentre outros países, além dos imigrantes das fronteiras, Paraguai e Bolívia.

Pessoas de diferentes lugares e regiões do país também compõem a identidade do estado de Mato Grosso do Sul, migraram para este estado, contribuindo para o hibridismo cultural, que é um traço importante na Literatura local.

As criações literárias apresentam traços do Romantismo e influências do Parnasianismo com temas voltados para os aspectos regionais e locais da cultura. Os gêneros mais cultivados são os poemas, crônicas, contos e romances, este último não tem muitos escritores. A maioria dos romances sobre o estado de Mato Grosso do Sul foi escrita por escritores que não são daqui. Dentre as obras destacamos: Visconde de Taunay com a obra *A retirada da Laguna*, abordando o tema da guerra do Paraguai e *Inocência*, que aborda a tragédia familiar de um amor mal resolvido. Hernani Donato em *Selva trágica* revela o desmando dos poderosos, que construíram seu império de riquezas, à custa do sangue dos trabalhadores. Antônio Calado em *Sempre viva* denuncia o contrabando, e a tortura, na região do Pantanal.

Um dos mais importantes escritores brasileiros do modernismo, Guimarães Rosa foi um grande estudioso da cultura popular brasileira. Por duas vezes visitou nosso estado, refazendo a história e recolhendo lembranças de nossos heróis. Dessas andanças por Mato Grosso do Sul,

escreveu as mais lindas descrições, que se conhecem sobre os índios e o Pantanal. O pequeno relato da sua viagem ao pantanal seria a pré-escrita do *Grande Sertão: Veredas*. Foi encontrado relatos de que o vaqueiro Mariano seria, na verdade, nosso grande escritor sul-mato-grossense Manoel de Barros. No ensaio “O livro que surgiu de um encontro entre Guimarães Rosa e Manoel de Barros” de Paulo Ribeiro, “Manoel pediu e Rosa fez. Encimando a epígrafe de Conrad em um dos poucos exemplares de “Um certo vaqueiro Mariano” está lá a dedicatória: “Olha aí Manoel, sem folclore, nem exotismo, como você queria”.

Escritores que dedicaram suas vidas ao registro das próprias emoções, apesar de alguns não estarem mais entre nós, suas obras são admiradas e estudadas nas escolas. Destacamos Severino de Toledo, falecido em 1980, é um dos mais antigos poetas da terra, tornou-se conhecido pela habilidade em compor trovas. Paulo Corrêa de Oliveira é talentoso autor de textos para teatro. Agenor Martinho Corrêa publicou diversos livros de poesia.

Campo Grande, capital do estado, tem expressiva quantidade de poetas, como Oliva Enciso, Elpídio Reis, Hugo Pereira do Vale, Otávio Gonçalves Gomes, entre outros. Os destaques da crônica são: Nelly Martins com obras que transformam em matéria literária a banalidade do dia a dia, os tipos populares, os amores sem solução. Zorrilho de Almeida Sobrinho; Eduardo Machado Metello e Hélio Serejo.

Já em contos, o nome que sobressai é o de Elpídio Reis, com a obra *Vinte contos de reis*, em que descreve acontecimentos do cotidiano regional em narrativas simples. Na poesia, os nomes de Rubênio Marcelo, Raquel Naveira e Manoel de Barros fazem parte do mundo literário. Pedro Medeiros, a voz mais importante da primeira metade do século XX, fez do Rio Paraguai a fonte de maior inspiração. Ulisses Serra em seu “Camalotes e guavirais” descreve cenas da paisagem pantaneira, das lembranças de Campo Grande e de tipos da cultura popular, retratados com toques de humor.

Em “Onde cantam as seriemas, de Otávio Gonçalves Gomes: Presença do regionalismo no memorialismo sul-mato-grossense” de Paulo Bungart Neto (2008), define textos memorialísticos como:

[...]‘memorialismo regionalista’ aquelas obras que, não somente recuperam um tempo perdido no passado, mas o fazem resgatando também espaços relacionados a certos ambientes rurais que, no momento da escritura, podem até nem existir mais, porém (e é isso o que mais importa para o gênero memorialístico) perpetuam-se e eternizam-se através das recorda-

2. Maria da Glória Sá Rosa

Neste momento, faremos uma breve apresentação da escritora Sul-Mato-Grossense de coração, Maria da Glória Sá Rosa. Natural de Moçamba, Ceará, veio aos seis anos para o estado de Mato Grosso do Sul. Atuou mais de quarenta anos como professora, foi uma das colaboradoras para a fundação da Universidade Dom Bosco. Coordenadora de curso na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul onde lecionou Literatura e História da Arte durante 26 anos. Era fluente em espanhol e francês e, inclusive, contribuiu na fundação da Aliança Francesa em Campo Grande. Promoveu festivais de música e incentivou todas as artes, em Mato Grosso do Sul, com a criação do Teatro Universitário Campo-grandense (TUC) e o Cineclub de Campo Grande.

Na política assumiu o cargo de secretária-adjunta da Secretaria de Desenvolvimento Social; diretora executiva da Fundação de Cultura; presidente do Conselho Estadual de Cultura; superintendente da Secretaria de Cultura e Esportes; e, ainda, presidente da Fundação de Cultura. Também uma das fundadoras da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, onde ocupava há 44 anos a cadeira de número 19. Como escritora se tornou referência em relatar a história da cultura do estado por sua trajetória estar diretamente vinculada à história de Mato Grosso do Sul e teve cerca de 10 livros publicados.

Maria da Glória valorizava produções, estilos e manifestações locais por meio da memória e encontrou sua escrita regional, centrada em si, nas suas ações e no contexto regional. Em seu artigo “A infância revisitada na literatura” em “Crônicas de fim de século” (2001) diz: “Como imagens de um filme, as lembranças vão, vêm e desaparecem”. Por isso a importância dos registros das lembranças e memórias na literatura, pois a memória humana não dura muito tempo e logo se apaga, deixando para trás momentos memoráveis que merecem ficar para posteridade.

Suas publicações:

- Estudo sobre Guimarães Rosa (1967);
- Análise Estrutural do Romance (1971);
- Análise Interpretativa do conto “Casa de Bronze” de João Guimarães Rosa (1974);

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- O Romance brasileiro atual Realismo Mágico e Realismo Mímico (1976);
- Memórias da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul (1990);
- Deus quer, o homem sonha, a cidade nasce - "Campo Grande Cem Anos de História" (1999);
- Crônicas de Fim de Século (2001);
- Contos de Hoje e Sempre - Tecendo Palavras (2002);
- Artes Plásticas em Mato Grosso do Sul (em parceria com Idara Duncan e Yara Penteado) (2005);
- A Música de Mato Grosso do Sul, em parceria com Idara Duncan (FIC-MS, 2009);
- A Literatura Sul-Mato-Grossense na ótica de seus construtores (2011) – em parceria com a escritora Albana Xavier Nogueira).

Além dos livros, publicou centenas de artigos sobre cultura nos jornais locais e fez inúmeras conferências sobre educação e cultura em todo o Estado, prefácios para autores de Mato Grosso do Sul e apresentações de catálogos de arte. Recebeu o cobiçado título de Doutora Honoris Causa, outorgado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Professora Honorária pela UNIGRAN de Dourados.

Glorinha, como era conhecida, foi um dos maiores ícones na cultura e também na educação, se manteve sempre produzindo e escrevendo ao longo dos seus 88 anos, quando morreu, vítima de um acidente vascular cerebral (AVC).

Apesar de ter contribuído tanto pela educação e cultura do estado, a fortuna crítica de Glorinha é bem escassa. E trazer ao conhecimento da sociedade pessoas como ela, é resgatar a memória e a cultura sul-mato-grossense.

Em 2017 todo seu acervo particular foi doado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e assim, dando origem ao projeto de pesquisa coordenado por professores do curso de Letras, recebendo o apoio do Núcleo de Ensino de Línguas da UEMS.

Com o projeto coordenado pelo professor Dr. Daniel Abrão e com apoio de acadêmicos, todo o material doado foi organizado em três seções: memórias, midiateca e biblioteca sendo disponibilizado para consultas do público interno e externo.

E com a inauguração do “Acervo Maria da Glória Sá Rosa” em

2019, favoreceu a atividades de pesquisas acadêmicas que visam a promoção de produções de trabalhos acadêmicos, preservando e divulgando a fortuna cultural do acervo.

O acervo possui uma página no *Facebook* e um *site* “www.acervomariadagloria.com.br” que divulgam as atividades do Acervo Bibliográfico e Memorial da Prof^a Maria da Glória Sá Rosa, situado no bloco F, sala S09 (pisos superior) na UEMS, em Campo Grande.

3. Correntes críticas

A pesquisa apresentará como norte teórico algumas correntes críticas literárias que permeiam a escrita de Glorinha que se dá de forma apresentativa, sem linha específica, mas com proximidade aos movimentos do Formalismo Russo e a Nova Crítica. Outras linhas teóricas que servirão de base para o estudo são, a Estética da Recepção e a Crítica Cultural.

O formalismo russo surgiu em dois centros da Rússia; em Moscou em 1914-1915, por um grupo de alunos, dentre eles Roman Jakobson que fundaram o Círculo Linguístico de Moscou e em 1916 em S. Petersburgo foi organizada a Sociedade para o Estudo da Linguagem Poética.

Sobre esse acontecimento Silva (1976) esclarece:

As gerações novas que entraram para as universidades russas nas vésperas da primeira conflagração mundial, descontentes com os processos obsoletos da história literária acadêmica e com a ligeireza diletante da crítica impressionista, procuraram novas orientações. (SILVA, 1976, p. 555-6)

Esses estudiosos insatisfeitos com os estudos literários que se desenvolvia, pelos grupos de estudos citados no parágrafo acima, combateram o impressionismo e a crítica biográfica. O foco do grupo era estudar a literatura em si mesma, a partir de um método científico, tendo a ciência da teoria literária com uma abordagem fundamentada em critérios de análises, mas sem estabelecer um método rígido, pois o método se adaptava com a evolução da literatura.

E é com essa ênfase ao texto que surge a noção de literariedade que é o objetivo dos formalistas russos, dar mais consistência e singularidade ao estudo da ciência literária e assim, saber distinguir o que faz uma obra ser uma obra literária.

Sobre a literariedade, Silva (1976) pontua:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A ciência da literatura deve estudar a literariedade (literariness), isto é, o que confere a uma obra a sua qualidade literária, aquilo que constitui o conjunto de traços distintivos do objeto literário. [...] Profundamente antipsicologistas, os formalistas não procuram tal especificação no estado de alma, na pessoa do poeta, mas sim no poema [...]. (SILVA, 1976, p. 559)

Esse movimento se reverberou em todo o mundo, mas após a década de vinte com a perseguição que sofreram pelos regimes políticos totalitaristas ficou esquecido, mas foi retomado na segunda metade do século XX no Ocidente.

De acordo com Aguiar e Silva, a partir da década de trinta desenvolve-se, nos Estados Unidos, designada por Ransom em uma de suas obras publicada em 1941, o *new criticism* – nova crítica, conhecida como uma crítica intrínseca ao texto. Foi um movimento adjacente ao Formalismo Russo em países diferentes, porém, ambos com uma particularidade mecânica única que os tornaram “univitelinos” por seus ideais. Ambos faziam uso de um método de análise literária totalmente imanente, dessa forma qualquer obra literária era analisada apenas por sua forma material, desligando-se totalmente de influências pessoais, sociais, filosóficas ou sentimentais.

Algumas das orientações basilares do *new criticism* veio de T.S. Eliot no ensaio intitulado Tradição e Talento Individual que trata sobre a relação tradição–ruptura/ inovação e aqui se destaca o posicionamento em afinidade a crítica literária que enaltece o texto:

Desviar o interesse do poeta para a poesia é um objetivo louvável, pois isso levaria em verdade a uma avaliação mais justa a poesia atual, quer seja boa, quer seja má. Há muitas pessoas que apreciam a expressão de uma emoção sincera em verso, e há um grupo mais seletivo de pessoas que podem apreciar a excelência técnica. Mas muito poucos sabem quando ocorre uma expressão de *significativa* emoção, emoção que tem sua vida no poema, e não na história do poeta. A emoção da arte é impessoal. E o poeta não pode alcançar essa impessoalidade sem entregar-se ele próprio inteiramente à obra que será concebida. (ELIOT, 1989, p. 48)

O movimento queria construir uma nova teoria crítica, uma nova forma de abordar a literatura. Aguiar e Silva concorda com Ransom que diz que “A crítica não pode ser identificada com a sinopse e a paráfrase” (SILVA, 1976, p. 586), estas formas não traduzem o sentido real da crítica e além da forma, a linguagem é muito relevante para a nova crítica. Sendo o objeto de análise dessa teoria, o texto em sua forma e a linguagem literária dependia da conotação empregada sugestiva da palavra.

Diferente da Nova Crítica, a Teoria da Recepção tem seu enfoque

no leitor e seus teóricos compartilhavam de duas crenças: Que o papel do leitor não pode ser omitido de nosso entendimento da literatura; E que os leitores não consomem passivamente o significado que lhes é apresentado por um texto literário.

Para Zilberman(1989, p. 12), “Talvez o mérito principal da estética da recepção resida em que traz embutida essa concepção, procurando extrair dela uma metodologia para conhecer a literatura”.

A teoria da recepção surgiu como uma reação contra a tendência crescente de rejeitar o papel do leitor na criação de significados. Durante um período de transformações na sociedade com a força da juventude que começaram a atuar politicamente nas instituições de ensino superior, revolucionando os métodos de ensino da história da literatura. E foi nesse período que Hans Robert Jauss situou o movimento revolucionário com o aparecimento dessa nova abordagem literária.

Com a estética da recepção amplamente propagada durante a década de 70, o leitor continuou sendo função do texto, mas ela garantiu ao leitor, papel ativo e a literatura papel social, pela emancipação da obra de arte.

Já em relação a Crítica Cultural, teoria que também será trabalhada nesta pesquisa pela grande participação de Glorinha na cultura do estado de Mato Grosso do Sul, terá como um dos teóricos Stuart Hall, que apresenta o conceito do que denomina “identidades culturais” como aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.

Para Hall (2015, p. 11), “... a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade” e de acordo com ele, existem três concepções de identidade. São elas: do sujeito do Iluminismo; do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno. O autor apresenta questões sobre a formação da identidade cultural desde a modernidade a pós-modernidade. Outro aspecto que também influencia na identidade cultural são as constantes mudanças que ocorrem com a modernidade tardia. Assim, pode-se concluir que a identidade cultural é formada e transformada continuamente através do pertencimento a uma cultura que evolui.

Outra de suas teorias é que “as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades” (HALL, 2015, p. 51). E assim, a identidade cultural de uma nação se compõe pela história e memória compartilhada por

uma geração seja por narrativas populares, pela literatura, imagens, dentre outros.

4. Considerações finais

Dado o exposto, ressaltamos que a pesquisa está em andamento em sua fase inicial da escrita e como ainda não realizamos a análise proposta pela pesquisa que é a crítica literária de Maria da Glória Sá Rosa com o suporte das correntes críticas selecionadas como norte teórico, não é possível fechar a conclusão da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUNGART NETO, Paulo. Onde cantam as seriemas, de Otávio Gonçalves Gomes: Presença do regionalismo no memorialismo sul-matogrossense. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, interações, convergências. USP. São Paulo. 2008. Disponível em: https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/015/PAULO_NETO.pdf. Acesso em: 02/08/2020.

ELIOT, T. S. *Tradição e talento individual*. In: _____. *Ensaaios*. São Paulo: Art, 1989.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro-RJ, 2015.

PAULO, Ribeiro. *O livro que surgiu de um encontro entre Guimarães Rosa e Manoel de Barros*. São Paulo Review. Disponível em: <http://saopauloreview.com.br/o-livro-que-surgiu-de-um-encontro-entre-guimaraes-rosa-e-manoel-de-barros/?fbclid=IwAR3xsbAZNUthLG7ACgjCWjvaSzqbgd6Z0Pe9Rm0cscRGk6nGuQH-ZnfMdl0>. Acesso em: 20/11/2021.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.